

O GLOBO

ZUENIR VENTURA

Mais do que saudade

A Olimpíada 2016 contrariou até a popular Lei de Murphy, segundo a qual, se alguma coisa pode dar errado, dará. Não foi perfeita, mas por acaso alguma antes dela, Pequim 2008 ou Londres 2012, foi? Quem apostou nos Jogos da zika, do terrorismo ou da nossa incompetência se deu mal, e não foram poucos, aqui e lá fora. O "Washington Post", por exemplo, citando um ex-agente da CIA, chegou a publicar que as medidas de segurança adota-

das seriam "uma receita para o desastre". Não foram. O medo manifestado pelo jornal não veio para cá — o da zika foi para Miami. Claro que houve falhas, algumas corrigidas logo, como a água verde das piscinas, as instalações inacabadas da Vila Olímpica, a alimentação nas arenas, as filas, os altos preços. O saldo do evento, porém, foi altamente positivo, e isso acabou sendo reconhecido por unanimidade pela própria imprensa internacional, que antes desconfiava tanto da nossa competência.

Se tivesse que destacar apenas um aspecto, eu escolheria o astral da cidade, o que inclui a segurança, os novos meios de transporte e, principalmente, a hospitalidade do carioca. Acho que o Rio nunca ouviu tantas declarações de amor em língua estrangeira. Eu mesmo assisti na rua a cenas de cariocas e turistas

esforçando-se com gestos (na falta do inglês) para se comunicar.

Não concordo com os que, para exaltar o bellissimo caráter Cirque du Soleil da solenidade de abertura, depreciaram a festa de encerramento por sua natureza folclórica. Admito que houve falação demais e um desfile interminável de atletas, mas duvido que haja no mundo um ser sensível que não tenha se deslumbrado com o quadro das rendeiras ou com o Pão de Açúcar e o Cristo desenhado com figurantes. E

Duvido que haja um ser sensível que não tenha se deslumbrado com o quadro das rendeiras ou com o Pão de Açúcar e o Cristo desenhado com figurantes no encerramento

o carnaval apoteótico? Criticou-se a "bagunça", como se uma apresentação de escola de samba devesse ter a ordem unida de um desfile militar. Difícil de entender não foi isso, mas o fato de o país ter dois presidentes e não contar com a presença de um onde estava até o premiê japonês. Uma medalha para o prefeito, que não se intimidou com vaia, embora merecesse aplausos. E, melhor, resistiu à compulsão de falar.

Na segunda-feira, a repórter Lúcia Teles fez uma interessante matéria sobre o que os simpáticos gringos já estavam sentindo quase na hora de partir, sem ter como traduzir em suas línguas. Para nós, cariocas, mais do que saudade, o que nos ameaça é o que uma amiga médica diagnosticou como síndrome, a da abstinência de Olimpíada. •

ROBERTO DAMATTA

O trabalho dos Jogos

Os Jogos Olímpicos produzem campeões, mas fazem muito mais assando preconceitos e relativizando o poder idealizado do dinheiro e das grandes potências. Até esportes desconhecidos onde não há a "bola" que nós tanto amamos no Brasil, são inesperadamente exaltados. Jamais vi tanta gente batalhar por medalhas — meros símbolos — que abrem as portas para a riqueza e para a fama. Também despem atletas de países tidos como "adiantados" de sua crosta emocional quando são derrotados, do mesmo modo que mostram campeões nascidos em lugares fora do lugar, como o interior de Bahia ou a velha África — o continente mais esbulhado do planeta.

Nas arenas e, sobretudo, nas piscinas, todos se despem, revelando o que Marcel Mauss — num ensaio de 1935, quando 11 jogos olímpicos já haviam sido realizados, chamou de "técnicas de corpo". Essas posturas que, a despeito de nossas motivações, manifestam-se involuntariamente, já que nos foram impostas de fora para dentro.

São exemplares dessas técnicas o comer parcimonioso mesmo morto de fome; o soltar um "ai" quando se sente dor, como se faz no Brasil, e não um *ouch*, como faz um americano. Você jamais vai deixar o seu "ai", do mesmo modo que o abraço será contido pelos americanos. Ele é caloroso, e calvinistas são treinados para abolir o calor humano. Santa Joana d'Arc, que se vestia de soldado para lutar, foi desmascarada quando a tropa assava castanhas. Joana pediu sua porção, um soldado atirou-lhe as castanhas e ela abriu, em vez de — como fazem os homens — fechar as pernas. As técnicas de corpo denunciaram sua condição.

Em todos os esportes notam-se práticas que, por trás do "atleta universal", desvendam o membro de um grupo particular. Já falei do "drible" que abraseleira o futebol no Brasil. No basquete, impressiona-me o "enterrar" veemente dos americanos negros como — quem sabe? — ajustar contas com odioso e perene preconceito vigente nos oficialmente igualitários Estados Unidos. Pois, como se sabe, o basquete foi roubado pelos negros, que deram a esse esporte uma elegância de balé russo.

O mesmo ocorre nas comemorações nas quais os atletas se despem de suas contensões olímpicas e choram ao ouvir o hino dos seus países. Nesse momento, o esporte é englobado pela terra onde nasceram. O ideal olímpico de competir, e não de ganhar ou perder, é perma-



Ideal olímpico de competir, e não de ganhar ou perder, é desmentido pelo humano concreto e festivo quando pulamos na vitória ou abaixamos a cabeça na derrota

nentemente desmentido pelo humano concreto e festivo quando pulamos na vitória ou abaixamos a cabeça na derrota. Na efusão e no luto, as técnicas de corpo de cada sistema cultural mostram a sua força, burlando as regras gerais.

E como ninguém — e muitos menos, como americanos e franceses explicitaram fora e dentro das picadeiros — é feito somente de ética, os gestos fazem com que o tal "espírito olímpico" ganhe, paradoxalmente, um corpo.

Os corpos são biologicamente iguais, mas diferem nas suas expressões. Tornar-se humano comporta um uniforme. Seja uma fadista completa, um suspiro ou um sensual soltar de cabelo — esse sinal que produz jogos corporais melhores do que os olímpicos, os quais, no entanto, também motivam medalhas de ouro, prata e bronze ou simplesmente desqualificam os contendores.

A propósito disso, vale lembrar o que, em 1905, dizia Mark Twain: "Não há poder sem roupa. É isso que governa a raça humana. Deixem os poderosos nus em pelo, e nenhum estado po-

deria ser governado. Governantes pelados não poderiam exercer autoridade alguma — eles pareceriam e seriam como todo mundo."

Talvez por isso as piscinas americanas foram por tanto tempo segregadas. Tal como comer junto, o nadar junto despe papéis sociais e revela por meio de corpos. Negro ou branco, gordo ou magro, feio ou atraente. O despir coletivo das piscinas sugere familiaridade fluidez e mistura. No meio líquido, o desejo flutua e pode superar a norma. Trata-se do que Moneygrand chama do "efeito praia". Nadar é a modalidade esportiva que mais contraria a moral burguesa.

Findos os Jogos, chega o peso de chumbo da realidade, com seus problemas e dilemas. E como os esportes coletivos são mais importantes no Brasil do que os individuais, ganhamos os Jogos com as medalhas do futebol e do vôlei. Mais uma prova de que, no Brasil, o todo é mais importante do que a parte com quem mantem um instável equilíbrio.

A rotina pós-olímpica vai dizer se vamos confirmar a farsa dos nadadores americanos ou se vamos ser — como os medalhistas olímpicos — fiéis ao melhor de nós mesmos. Essa regra de ouro que faz a glória das disputas nas quais reis e canoieiros tornam-se iguais! •

Roberto Damatta é antropólogo

Cármem, a presidente

ARNALDO NISKIER

Ao ser apresentada pelo ministro Ricardo Lewandowski, que está deixando a presidência do Supremo Tribunal Federal (STF), a ministra Cármem Lúcia foi colocada diante da opção de ser chamada de presidente ou presidenta. Sua resposta provocou encantamento: "Estudei muito a língua portuguesa. Vou usar o que a meu ver é o mais correto!" Exercerá suas altas funções sendo chamada de presidente Cármem Lúcia.

Na verdade, não se trata de estabelecer o que é mais certo, pois ambas as formas estão previstas nos melhores dicionários. O problema é o que chamamos de eufonia, do que soa melhor, do que agrada mais aos nossos ouvidos. Assim, em vez de certo ou errado, devemos tratar o assunto considerando o que é mais adequado ou menos adequado. Argumentar que o poeta Carlos Drummond de Andrade também considerava a palavra *presidenta* não vem ao caso. O nosso maior escritor, Machado de Assis, num dos seus clássicos, utilizou a expressão "houveram fatos incríveis", e nem por isso a moda pegou; ao contrário, quem fala assim, como aconteceu com um ex-ministro da Educação, correu o risco da execração pública.

Dona de forte personalidade, embora de temperamento suave, como boa mineira de Montes Claros, a ministra Cármem Lúcia Antunes Rocha assumirá no próximo dia 12 de setembro a presidência do STF. Será a segunda mulher a exercer o importante cargo, onde brilhará a ex-ministra Ellen Gracie, hoje aposentada.

Em algumas oportunidades, a ministra Cármem Lúcia, que se orgulha da sua origem de professora, destacou-se na defesa das liberdades individuais: "Sofri

MINIMUN LEITAU

Arbitral do Esporte proibiu todos os atletas do país de disputarem os Jogos. Na Olimpíada, só o atletismo fora barrado. PÁGINA 32

vantamento feito pelo GLOBO mostra que a maioria continua favorável ao impedimento da petista. O julgamento final começa amanhã e deve durar sete dias. Dos 61 senadores, 51 declararam que vota-

do STF Ricardo Lewandowski, que comandará o julgamento final no Senado, rejeitou mais um pedido da defesa e manteve para amanhã o início do rito de conclusão do processo. PÁGINA 8

Não parece lógico que a OAS queira prejudicar a sua delação. PÁGINA 4

ELIO GASPARI

PT vai ficar sem rumo certo após encerrar ciclo de poder. PÁGINA 18

Divida das famílias caiu ao menor patamar desde 2012. PÁGINA 22

ILIMAR FRANCO

Temer anunciará verbas para o Nordeste em sua posse. PÁGINA 2